

APRESENTAÇÃO

Dossiê 60 Anos de História da Loucura, De Michel Foucault

Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta as estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem (FOUCAULT, Michel. **História da loucura**, 1972, p. 16-17).

Em 2021, os grupos de pesquisa GEDIN, LABEDISCO e LINSP coordenaram o Seminário **Ai que loucura - 60 anos de História da loucura, de Michel Foucault**, evento que teve a loucura como eixo temático para debater, numa perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos, os temas doença mental, alienação, desrazão, sempre em relação com noções importantes e centrais nos respectivos grupos como discurso, sujeito, corpo e leitura. A discussão da loucura deixa clara a preocupação de Michel Foucault com o sujeito, as relações de poder, os processos de sujeição, a produção da verdade e do discurso.

Em História da loucura, a linguagem insurge como lugar para pensar, ao mesmo tempo, as doenças do corpo e do espírito. A história da loucura constitui-se como história das experiências que inclui o Outro pela consciência analítica da loucura. Nem o estado selvagem, o grau zero da loucura, nem as diferentes experiências da loucura, mas a linguagem da loucura, com destaque para o corpo, as artes e a literatura. Uma síntese ético-arqueogenealógica: analítica do saber sobre a loucura, relação com o poder a partir de uma consciência prática e a objetivação da subjetividade. A obra de Michel Foucault analisa a estrutura das experiências de três formas: 1. a partir do registro das práticas, focando nos rituais e formas de separação, tendo como base a Nave dos loucos, pintura do artista Hieronymus Bosch; 2. a partir do registro da linguagem sobre a loucura, sua filosofia e saberes produzidos e 3. A partir do registro da linguagem da loucura em que aparece seu ser na literatura e na arte.

Como fruto do estudo e debate dos diversos temas que se conectam ao da loucura em Foucault, no Seminário realizado, divulgamos nesta publicação intitulada **Dossiê “60 anos da obra História da Loucura, de Michel Foucault”**, nesta edição especial dos

Cadernos Discursivos, os diversos trabalhos apresentados, os quais nos desafiam com abordagens inusitadas acerca da loucura, nas suas diversas interfaces.

No artigo primeiro, **A história da loucura de Michel Foucault: um livro Seminal no vórtice infinito de leituras**, a pesquisadora Maria do Rosário Gregolin expõe os principais temas desenvolvidos na História da Loucura na Idade Clássica, de Michel Foucault, apresentando a história da loucura foucaultiana como uma epistemologia histórica, e retomando alguns leitores que dialogaram e polemizaram com Foucault em torno de seus grandes eixos, a exemplo da polêmica travada com Jacques Derrida (1963).

Já no segundo artigo intitulado **A Arte Em Arthur Bispo Do Rosário: A Loucura E Sua Singularidade**, de Veronica Lopes dos Santos e de Leda Verdiani Tfouni, apresenta um ensaio sobre a obra de Arthur Bispo do Rosário, diagnosticado como psicótico, com o intuito de demarcar que a criação artística pode servir como gesto de sublimação. Para tanto, as autoras apresentam aportes teórico-analíticos da psicanálise lacaniana e nas teorias do discurso de Michel Pêcheux e Michel Foucault.

No terceiro artigo, **Loucuras da fé no cinema: a (des)obediência de Dulce dos Pobres**, a pesquisadora Carla Luzia Carneiro Borges discute o modo de subjetivação de uma mulher religiosa, no filme Dulce dos Pobres (2013), tomando a relação loucura e fé como espaço de produção de um discurso de controle e interdição do ser religioso e de suas condutas, no interior de práticas cristãs, as quais indiciam momentos de desobediência de Dulce e da constituição de uma subjetividade santa para manutenção da ordem em que congrega.

No quarto artigo, por sua vez, **A força da loucura: regimes de saber e práticas**, o pesquisador Thiago Barbosa Soares apresenta a leitura de alguns regimes de saber e certas práticas presentes na discursividade da obra “História da loucura na idade clássica”, de Michel Foucault, descrevendo a loucura a partir dos prismas regenciais dos saberes empirista, racionalista e positivista que estruturam as modulações de compreensão da loucura como um objeto de saber segundo o qual sua própria história traça diferentes paradigmas de abordagens e, conseqüentemente, proposituras discursivas distintas capazes de gerenciar regimes de saber e práticas.

No quinto artigo intitulado **Da loucura como política e da desobediência como Desrazão: os hospitais psiquiátricos e os reformatórios no Processo de legitimação da repressão durante a ditadura Civil-militar brasileira**, o pesquisador Israel de Sá

analisa a produção da loucura durante a Ditadura Civil-Militar Brasileira, com o intuito de compreender a produção da “loucura política” e do “louco político”, considerando a relação entre resistência política/social e loucura pelas formas de encarceramento em manicômios, reformatórios e campos de concentração, a partir de relatos de vítimas, documentos produzidos pela repressão e obras acadêmicas.

No sexto artigo, **Discursos sobre a história da loucura de Camille Claudel na escultura/escrita de si**, a pesquisadora Denise Gabriel Witzel e o pesquisador Felipe Soares analisam os discursos que fomentaram a loucura, interdição e o consequente apagamento da escultora francesa Camille Claudel (1864-1943), tomamos como material de análise uma de suas esculturas - Perseu e a Górgona (1902), na qual ela se representa decapitada no lugar da Medusa, e uma carta que escreveu a sua mãe quando, já confinada mediante uma internação compulsória, clamava por liberdade, apontando para uma mulher que não pôde ser, em um tempo sócio-histórico em que a loucura se definia à luz das experiências sociais.

No sétimo artigo, **Nos trilhos da loucura: memória da psiquiatria paulista (1850-1950)**, a pesquisadora Neusa Regiane Mendes contextualiza as ações de assistência à saúde mental com recorte temporal circunscrito no período de 1850 a 1950, explorando uma fração do discurso médico-científico no Brasil. As narrativas estão divididas em três seções: ações de assistência à saúde mental na província de São Paulo; síntese da produção de Osório César no Asilo de Alienados do Juquery e o processo de ensino e aprendizagem do Pavilhão-Escola, com o intuito de recuperar a memória da psiquiatria paulista.

Por fim, no oitavo artigo intitulado **Nuances Sobre O Discurso Da Loucura, Identidade De Gênero E De Sexualidade Em Primeiras Estórias, De Guimarães Rosa**, de Tainara Rodrigues Mendes e de Guilherme Figueira-Borges, há o objetivo de analisar, discursivamente, como o discurso da loucura incide na construção de identidades de gênero e de sexualidade a partir dos contos “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “A menina de lá” e “A terceira margem do rio” na obra *Primeiras Estórias*, de Rosa (2005). Para tanto, os autores se inscrevem no campo da Análise do Discurso foucaultiana (1992, 2019, 2020) em diálogo com as ponderações sobre “literatura” de Fernandes (2006) e sobre “autoria” de (Figueira-Borges, 2019).

Como é possível perceber, este dossiê apresenta relevantes pesquisas sobre a loucura enquanto um objeto de saber/poder, numa rede discursiva que constitui os sujeitos, historicamente, e que é produzida pela/na linguagem. Convidamos a quem tiver interesse pelo tema a fazer uma incursão pelos/nos trabalhos que compõem este dossiê, de modo a fazer circular o debate iniciado, possibilitando que reverberem em pesquisas futuras nos diversos campos do saber em diálogo com os estudos discursivos foucaultianos.

Guilherme Figueira-Borges

Nilton Milanez

Carla Luzia Carneiro Borges

Inhumas-GO, Salvador-BA e Feira de Santana-BA, 04 de novembro 2022.

Aaaai que Loucura!!!!